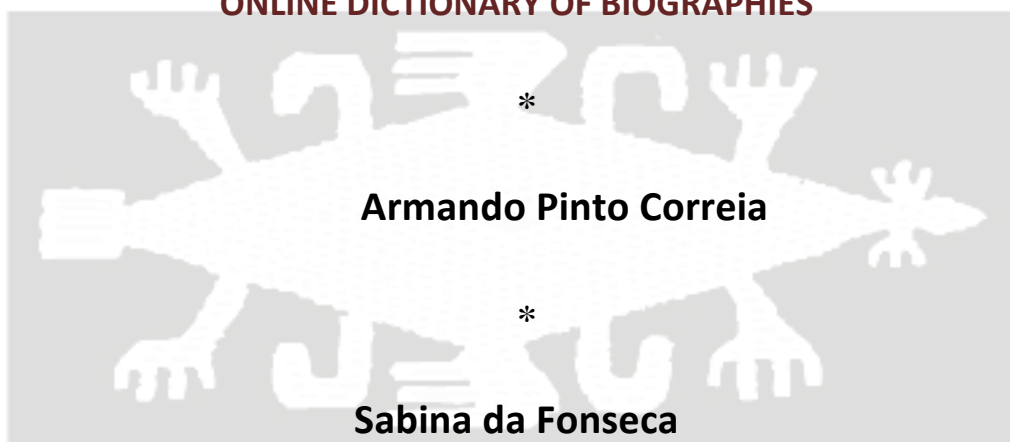




HISTORY AND ANTHROPOLOGY OF PORTUGUESE TIMOR

ONLINE DICTIONARY OF BIOGRAPHIES



FCSH-UNL/UNTL

sabina_fonseca@yahoo.com

You are welcome to cite this biography, but **please reference it appropriately** – for instance in the following form:

Sabina da Fonseca, “Armando Pinto Correia”, in Ricardo Roque (org.), *History and Anthropology of “Portuguese Timor”, 1850-1975. An Online Dictionary of Biographies*, available at <http://www.historyanthropologytimor.org/>

Armando Pinto Correia nasceu no Estreito de Câmara de Lobos¹, na ilha da Madeira, no dia 3 de Setembro de 1897, na quinta de Santo António, residência de seus pais. Era filho de Guilherme Pinto Correia e Inácia Augusta de Seixas Alves Correia. Provavelmente teria ali feito a escolarização básica, pois lá moravam os seus pais. Em Outubro de 1907 iniciou os estudos liceais no liceu do Funchal e, terminados estes estudos, ingressou nas faculdades de Ciências de Lisboa e Coimbra.

Em 1917, ano em que ingressou na Escola de Guerra, fez parte da legião de cadetes que apoiou a ascensão de Sidónio Pais à presidência da República. Como militar galgou altos postos, tendo desempenhado também várias funções de destaque. Incorporou o Corpo Expedicionário Português na Primeira Guerra Mundial, tendo obtido dois louvores.

Pinto Correia foi várias vezes preso pelo ministro da Guerra e transferido de Regimento para Regimento pois, apesar do seu envolvimento como militar ao serviço da Pátria, não tinha espírito conformista e chegou a publicar, em Setembro de 1919, um artigo no nº 141 do *Jornal da Madeira* no qual teceu algumas críticas contra os seus superiores. Cumpriu 10 dias de prisão no Palácio de São Lourenço sendo posteriormente transferido para o quartel do Regimento de Infantaria 10 em Bragança, mas acabou por ficar a prestar serviço na Garagem Militar em Lisboa.

Como ajudante de campo do General Gomes da Costa, em 21 de Novembro de 1924, participou na revolta nacionalista do general Sinel de Cordes² e depois na revolução de 28 de Maio de 1926³, não para impor “dita duras” ao país como afirma mais tarde o General Gomes da Costa, mas para salvar a pátria⁴. Por este facto foi preso juntamente com o General Gomes da Costa no Palácio de Belém, tendo ambos sido exilados para os Açores, onde ele ficou na Ilha de S. Miguel e o General Gomes da Costa na Terceira⁵.

Foi novamente castigado por ter desobedecido às ordens e transferido para a ilha da Horta pela ordem do exército de 30 de Abril de 1927. Lá exerceu as funções de instrutor de metralhadoras para oficiais, professor e depois director do curso regimental e comandante da escola de recrutas, tendo recebido um louvor.

Dos Açores Pinto Corrêa foi enviado ao continente em Janeiro do ano seguinte. Em Abril do mesmo ano seguiu viagem para Timor onde chegou 27 de Junho. Durante alguns

¹ Estas informações e grande parte das outras sobre o Capitão Armando Pinto Correia foram retiradas do *Dicionário Corográfico* Edição electrónica, da autoria de Manuel Pedro Freitas.

² PEREIRA, Eduardo C. N. *Ilhas de Zarco*, Vol.1, 77-82, CMF, Funchal, 1967.

³ IDEM.

⁴ *Anais da Revolução de 28 de Maio de 1926*.

⁵ IDEM

meses exerceu as funções de ajudante de campo do governador Teófilo Duarte e, ao mesmo tempo, as de chefe da secção de metralhadoras pesadas.

Em 17 de Setembro de 1928 tomou posse do cargo de administrador da circunscrição de Baucau. Exerceu este cargo até 6 de Janeiro de 1934, tendo dado provas de alta competência, que o levou à obtenção de dois louvores, o primeiro em 4 de Fevereiro de 1930 pelo modo como procurou melhorar as condições de vida da população entregue à sua administração, através da construção de escolas onde era ministrada uma educação física e moral, a par do amor por Portugal, do culto pela bandeira, da prática da língua portuguesa, por cotizações dos pais dos alunos e da população sem dispêndio para o Estado. Também era ministrada, ao mesmo tempo, uma instrução aperfeiçoada sobre a agricultura, criando no seio da população o gosto pela terra. O segundo louvor foi-lhe atribuído em Março de 1933, pela notável obra administrativa em que revelou qualidades inexcelíveis de trabalho, competência, zelo, dedicação e o maior interesse, muito particularmente nos trabalhos de expansão agrícola em toda a área da Circunscrição, de educação da população, imprimindo uma notável e adequada orientação na resolução do problema da instrução e ainda da assistência infantil. De Baucau foi transferido para Díli, a 18 de Junho de 1934, por ter sido nomeado Administrador de primeira classe e simultaneamente Presidente da Câmara municipal de Díli.

Em toda a sua vida em Timor Armando Pinto Corrêa demonstrou qualidades de administrador colonial competente e decisivo com uma capacidade de trabalho espantoso, que muito contribuiu para que Timor que era quase morto⁶ ressuscitasse para uma vida intensa de fomento e progresso económico, social, agrícola, cultural, militar e urbanístico. Impôs ainda conciliação entre povos gentios desavindos e fez respeitar pelos vizinhos a integridade nacional do seu território (Corrêa, p. 10).

Tendo terminado em Mafra o tirocínio para capitão a 30 de Junho de 1934, deixou a vida militar e ingressou no quadro administrativo. A 23 de Agosto do mesmo ano tomou posse do cargo de Inspector Administrativo das Colónias, com a nomeação de 30 de Junho, legalizada pelo decreto de 7 de Agosto e condecorado a 5 de Outubro com as medalhas de Avis e do Império Colonia⁷.

De Timor Armando Pinto Corrêa foi transferido para outras colónias ultramarinas, nomeadamente, Angola como Inspector-Chefe dos Serviços Administrativos de Angola por

⁶ PEREIRA, Eduardo C. N. Ilhas de Zarco, Vol.1, 77-82, CMF, Funchal, 1967.

⁷ Diário de Notícias do Funchal, na sua edição de 30 de Maio de 1934.

«justo prémio dos seus serviços», (Fevereiro – Agosto de 1936); Moçambique, a 11 de Agosto de 1941, onde veio a falecer a 29 de Janeiro de 1943.

Armando Pinto Corrêa não se distinguiu apenas como político e militar, foi também escritor e jornalista. Ainda como aluno do liceu no Funchal começou a revelar-se como escritor de primorosas qualidades, tendo enriquecido a sua cultura à medida que crescia em idade e avançava nos estudos sendo, à altura da sua morte, considerado como um dos mais ilustrados oficiais portugueses.

Em 1914 fundou e dirigiu o jornal «Vida Académica»; no ano seguinte foi redactor principal para o «Jornal de Coimbra». A elevada qualidade dos temas abordados e o seu estilo palpitante fizeram dele um dos melhores, se não o melhor jornalista do seu tempo. A partir de 1920 colaborou no Diário de Notícias do Funchal, onde subscreveu uma crítica literária pouco elogiosa sobre o livro de versos *Frutos* do poeta madeirense Jaime Sanches Câmara. Em 1921 publicou o livro *Um poeta em frangalhos*, em que são reveladas as suas qualidades que Horácio Bento Gouveia, num artigo publicado no Diário de Notícias do Funchal em 4 de Agosto de 1963, caracterizou como «excepcionais do crítico, do jornalista panfletário: a análise literária remordente, o poder cáustico da ironia, o iconoclasta severo, o ginasta das figuras de pensamento» (Gouveia, 1963). Além destas obras, Armando Pinto Corrêa, que era considerado um dos mais argutos observadores da época, publicou ainda muitas outras crónicas sobre a política portuguesa. Eram artigos que traduziam o seu inconformismo respeitante à orgânica governativa que ele considerava inadequada.

Em 17 de Janeiro de 1935 publicou o livro *Gentio de Timor*, resultado do seu profundo conhecimento da vida do povo e de Timor, onde viveu cerca de seis anos, a maior parte dos quais como administrador da circunscrição de Baucau. É uma compilação de relatórios administrativos coloniais produzidos por ele e publicados previamente no *Boletim Geral das Colónias* e no jornal *Diário de Notícias*, do Funchal e valeu-lhe o 1º lugar no Concurso de Literatura Colonial desse ano. É um livro que o autor dedicou ao governador Theófilo Duarte como «o homem que me fez colonial» e a catorze amigos timorenses (entre eles estão Carlos Ximenes da Costa e António Felipe, respectivamente tio-avô materno e avô paterno de Dom Ximenes Belo), que considera «os maiores indígenas de Baucau (...), Portugueses de lei, como os melhores da «*Terra-Mater*», - a quem nunca faltou o compreensivo entusiasmo e o vibrante orgulho regionalista, na cooperação que prestaram, de corpo e alma, á obra que realisei em Timor» (p.7). Neste livro, o autor faz a descrição detalhada e precisa da vida social do povo timorense, desde o nascimento até à morte e de tal maneira que, de acordo com o

antropólogo francês Arnold Van Gennop, da Revista *Mercure de France*, é um dos melhores do mundo, pois

«como monografia descrita, este volume merece sem dúvida ser enfileirado entre os melhores do mundo. Os menores detalhes da vida social indígena, desde o nascimento até à morte encontram-se descritos com precisão e de tal maneira que se pode seguir perfeitamente o comportamento das pessoas e o seu ambiente, os ritos e as crenças subjacentes» (GENNEP, 1967).

Enquanto militar nacionalista desempenhando a função de antropólogo no início do século XX, Pinto Corrêa demonstra, nesta obra, a sua compreensão pela importância do respeito às regras do direito consuetudinário para a administração portuguesa nas colónias, neste caso concreto, de Timor. Por isso sempre procurou agir com respeito pelas normas sociais estabelecidas a partir dos valores e práticas tradicionais dos timorenses, normas que foram sendo transmitidas através das gerações desde tempos imemoriais que, via de regra, nos processos de colonização, podiam entrar em conflito com os códigos normativos ocidentais que eram impostos pelo poder colonial, criados a partir dos valores judaico-cristãos e dos ideais iluministas e civilizacionais (p. 10).

O livro *Timor de Lés a Lés* publicado em 1944, é a compilação póstuma dos seus trabalhos. Theófilo Duarte, a quem coube a tarefa de redigir o prefácio, comenta que o autor, não tendo pensado na sua publicação, apenas lançou para o papel as ideias que lhe iam surgindo, sendo na sua maioria resultado dum simples passatempo, mas que mostram a sua espantosa facilidade de expressão. É um repertório coreográfico e etnográfico de Timor, uma descrição minuciosa dos rituais e estilos usados pelos *indígenas*, com curiosas informações acerca do casamento ou barlaque, estudo da moral e dos bons ou maus costumes *indígenas*, e «a cada mal aponta o seu remédio»⁸.

Num artigo publicado em 1969 no *Diário de Notícias* nº 2142, do Funchal, Gouveia apresenta-o como um grande prosador madeirense que, em qualquer dos aspectos, atinge os cimos do engenho que enobrece o homem e o distingue do homem:

(...) uma personalidade complexa porque se externava em todas as facetas da literatura de acção, (...), na crítica

⁸ SANTOS, Jaime Vieira. *Timor de Lés a Lés*. *Diário da Madeira*, Funchal, 24 de Dezembro de 1944.

escalavrante, desassombrada, de grande surto, (...); na doutrina política que reclama linguagem sacudida, exagitada e clara (...). Personalidade objectiva porque os problemas de que o escritor se abeirava eram tratados sem atmosfera contemplativa, de frente, à queima-roupa como o cabouqueiro que de picareta alçada investe contra rocha (Gouveia, 1969, *Diário de Notícias* nº 21420, do Funchal).

Em homenagem à sua memória, o presidente da Câmara Municipal de Lobos, propôs que o arruamento até então conhecido por «Caminho da Azinhaga», e que ligava a casa onde ele nasceu à Igreja do Estreito, passasse a designar-se por Rua Capitão Armando Pinto Correia.

A acção de Pinto Corrêa foi considerada extraordinária por muitos antigos companheiros de armas, amigos políticos e pessoais e admiradores que não pouparam os seus elogios. No entanto, outros admiraram-no negativamente, considerando-o «violento administrador», entre outros, Ruy Cinatti, em *Paisagens Timorenses Com Vultos*,

«(...) de Pinto Correia,
violento administrador
de Baucau - que disse e fez,
«Quero aos Timorenses
porque os conheço» -,
que correu a pontapé
(...)» (Cinatti, 1996, p. 47)

Entre os timorenses admiradores de Armando Pinto Corrêa destaca-se a figura do bispo de Emérito de Díli, D. Ximenes Belo que no dia 13 de Novembro de 2009, por ocasião do lançamento da 2ª edição do livro *Gentio de Timor*, efectuado no Centro Cívico do Estreito de Câmara de Lobos, focou a actividade e a saudade deixada pelo Capitão Armando Pinto Correia, aquando da sua passagem por Timor, particularmente como administrador da circunscrição de Baucau, terra natal de D. Ximenes Belo.

Bibliografia do autor sobre Timor:

Livros

CORRÊA, Armando Pinto, 1934. *Gentio de Timor*, Lisboa: Edição de Autor.

CORRÊA, Armando Pinto, 1944. *Timor de Lés a Lés*, Lisboa: Agência Geral das Colónias.

Artigos em revistas/jornais

CORRÊA, Armando Pinto, 1934. “Notas de Etnografia Timorense - Região de Baucau”, *Boletim Geral das Colónias*, 10 (106): 35 – 52.

CORRÊA, Armando Pinto, 1935. “A Origem Étnica das Populações de Timor e o Mito da Árvore Sagrada do Reino de Cová”, *Diário de Notícias*, 2 de Março: 2.

Bibliografia consultada:

CINATTI, Ruy, 1996. *Paisagens Timorenses com Vultos*. Relógio D'Água Editores

CORRÊA, Armando Pinto, 1934. *Gentio de Timor*, Lisboa: Edição de Autor.

FREITAS Manuel Pedro, *Dicionário Coreográfico* Edição electrónica, Câmara de Lobos, sua gente, história e cultura.

In http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/correia_armando_pinto.html

GOMES, Alberto Figueira, Armando Pinto Correia. *Diário de Notícias*, Funchal, 23 de Janeiro de 1971.

GOUVEIA, Horácio Bento, Escritores Madeirenses Esquecidos, *Diário de Notícias*, Funchal, 4 de Agosto de 1963.

GOUVEIA. Horácio Bento. Um grande prosador madeirense - Armando Pinto Correia. *Diário de Notícias*, Funchal, n. 21420, ano 69.

SANTOS, Jaime Vieira. Timor de Lés a Lés. *Diário da Madeira*, Funchal, 24 de Dezembro de 1944.

HISTORY - ANTHROPOLOGY
TIMOR LESTE

Sabina da Fonseca

Dezembro de 2012